

CAMPANHA SALARIAL - I

Bancos dizem não às reivindicações

A negociação de ontem, que encerrou a discussão das cláusulas não econômicas, decepcionou a categoria bancária. Os banqueiros simplesmente negaram o atendimento de todas as reivindicações relativas a igualdade de

oportunidades, saúde, condições de trabalho, emprego.

Nesta edição, fazemos uma síntese das discussões de ontem. Um relato mais amplo sobre a negociação pode ser lido na página do Sindicato na Internet.

CAMPANHA SALARIAL - II

Saúde e condições de trabalho: todas as reivindicações foram rejeitadas

Isonomia de tratamento - entre bancários afastados por motivos de saúde e os ativos: rejeitada

Eliminação de riscos nos locais de trabalho - Os bancários querem que os riscos (ergonômicos, saúde mental, assaltos etc.) sejam eliminados. E que, enquanto os riscos permanecerem, os bancos tenham que pagar adicional por insalubridade e por periculosidade, proporcional ao salário - e não ao salário mínimo como é hoje. Os banqueiros rejeitaram.

Intervalo para atividades repetitivas - intervalo de 10' a cada 50' trabalhados estendido a todos os bancários que exercem atividade repetitiva. Os bancos insistem em restringir esse direito somente aos digitadores.

Custeio de tratamentos - todo o tratamento para os trabalhadores afastados por acidente de trabalho custeado pela empresa, inclusive o medicamentoso e as terapias alternativas. Os bancos não aceitaram.

CAMPANHA SALARIAL - III

Emprego: bancos não querem discutir

Os banqueiros se recusaram a discutir o tema emprego. Alegaram que a questão não faz parte da Convenção Coletiva e diz respeito exclusivamente às empresas; é meramente uma questão da relação entre o empregado e seu chefe.

A categoria bancária discorda frontalmente dessa visão. A discussão sobre empregos deve ser feita com a participação dos sindicatos e, mais

ainda, com a sociedade.

Como já afirmamos várias vezes neste C&N, os bancos não podem se preocupar apenas em aumentar seus lucros a cada período. Têm de oferecer à sociedade algo mais; garantir a criação de mais empregos, por exemplo. Aliás, isso não deve se restringir apenas aos bancos, mas a toda e qualquer empresa.

CAMPANHA SALARIAL - IV

Igualdade de oportunidades

O balanço social da Febraban, de 2007, mostra que, dos trabalhadores do setor bancário apenas 2,4% são negros(as), 11,1% de pardos(as) e 1,3% são pessoas com alguma deficiência. Para o Comando Nacional, a igualdade de

oportunidades é questão prioritária, principalmente no que diz respeito à contratação de negros(as) e à ascensão profissional de mulheres, negros(as) e pessoas com deficiência. Na questão de gênero, a contratação está praticamente equilibrada.

CAMPANHA SALARIAL - V

Licença-maternidade

Os bancários reivindicam que os bancos, em bloco, garantam a licença-maternidade de 180 dias já a partir deste ano. A lei entrará em vigor apenas em 2010. Os banqueiros afirmam que a discussão é prematura e que preferem aguardar que a lei entre em vigor.

BANCO DO BRASIL

Festa dos 200 anos: funcionário não entra

Na negociação do dia 04/09, a diretoria do Banco do Brasil nada respondeu sobre as reivindicações de seus funcionários. A pauta, com as demandas específicas, fora entregue 22 dias antes. Não há nova reunião de negociação agendada.

Prestes a completar 200 anos de fundação, o BB vai muito bem obrigado. Lucro de R\$ 4 bilhões no primeiro semestre, graças à total dedicação de seus funcionários. A festa dos 200 anos vai ser grande. Nela, porém, parece não haver lugar para os funcionários.

BOLÍVIA

Democracia apavora a elite dominante

Confronto, como insiste em nos fazer acreditar a mídia hegemônica? Não, o que se passa na Bolívia é a reação, racista e sanguinária, da elite dominante à democratização do país; com total apoio do governo dos Estados Unidos. A possibilidade de uma democracia verdadeira, estampada na nova Constituição do país, apavora a elite do mundo inteiro. Para saber um pouco mais sobre a nova constituição boliviana, acesse <http://www.contrafcut.org.br/noticias.asp?CodNoticia=14437>.

PIADINHA

Na rua, o português escorrega em uma casca de banana e cai. Mais à frente, vê outra casca de banana e pensa, consigo mesmo: - La vou eu cair de novo.